

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO**

NADJANE ALVES

**A AFETIVIDADE COMO ELEMENTO CRUCIAL NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS EM UMA CASA DE PASSAGEM DE PAULO
AFONSO-BA.**

**DELMIRO GOUVEIA
2020**

NADJANE ALVES

**A AFETIVIDADE COMO ELEMENTO CRUCIAL NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS EM UMA CASA DE PASSAGEM DE PAULO
AFONSO-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Alagoas – UFAL Campus do Sertão como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Msc. Adriana Deodato
Costa.

**DELMIRO GOUVEIA
2020**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva CRB-4/2063

A474a Alves, Nadjane

A afetividade como elemento crucial no processo de ensino aprendizagem de crianças em uma casa de passagem de Paulo Afonso-BA / Nadjane Alves. – 2020.

51 f. : il.

Orientação: Profa. Ma. Adriana Deodato Costa.
Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2020.

1. Afeto. 2. Casa de passagem. 3. Educação. 4. Educação não-formal. I. Título.

CDU: 37.018.32:159.942

FOLHA DE APROVAÇÃO

NADJANE ALVES

**A AFETIVIDADE COMO ELEMENTO CRUCIAL NO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS EM UMA CASA DE PASSAGEM DE PAULO
AFONSO-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
ao corpo docente do Curso de Pedagogia
Licenciatura da Universidade Federal de
Alagoas, Campus do Sertão. Aprovado em 19
de fevereiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADORA:



Prof. Msc. Adriana Deodato Costa
Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus Sertão

1º Examinador:



Prof. Dra. Carla Taciane Figueiredo
Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus do Sertão (Examinador Interno)

2º Examinador:



Prof. Msc. Beatriz Araújo da Silva
Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus do Sertão (Examinador externo)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho exclusivamente ao Senhor, Ele que é o precursor da minha vida, é a minha força, o meu amigo. Somente à Ele porque é o único que é digno de todo louvor e adoração; sem Ele não seria possível a produção e efetivação deste trabalho. À Ele toda honra e glória.

AGRADECIMENTOS

Meu coração transborda de gratidão a Deus, meu guia e protetor, por toda a força a mim conceder, por acreditar em mim quando nem eu mesmo acreditei que chegaria onde cheguei, por ter me dado motivos de sobra para continuar e o Seu amor de Pai me fez prosseguir em busca do que sonhamos juntos.

Aos meus pais Rosineide Balbino e José Alves pelo amor e dedicação. Aos meus irmãos Janeison, Neidjane e, em especial a minha irmã, Alinne, por todo apoio, disponibilidade, palavras que me instigaram e me fortaleceram. Eles são minha base.

Aos meus colegas de curso, vivemos momentos de muito aprendizado e companheirismo, tenho um carinho enorme por cada um. Não poderia deixar de agradecer também às minhas amigas que a Universidade me presenteou Elyza, Taisa, Edinalva e Eluana. Estivemos juntas desde o início.

Agradeço a Danielle Alves, minha amiga e irmã em Cristo, por seu exemplo de força e coragem que me instigaram e me fez enxergar que tudo é possível quando se tem foco. Saiba que seu exemplo de fé elevou ainda mais a minha e me ergueu em perseverança.

Ao Campus e ao corpo docente aos quais tive a honra de conhecer e de forma significativa contribuíram e enriqueceram a minha formação. E, de modo especial, a professora Beatriz Araújo por partilhar seus conhecimentos a fim de contribuir de forma acentuada para minha pesquisa. Sou totalmente grata, ainda, a professora Adriana Deodato pela motivação e incentivo para a conclusão desse trabalho.

Ao meu amigo Jamersom (em memória) por cada palavra de encorajamento, infelizmente não está presente para compartilhar essa conquista, mas suas palavras de incentivo contribuíram e me impulsionaram.

Agradeço também as minhas colegas de trabalho, cada uma de modo particular, por vibrar comigo cada etapa. E aos demais amigos que direta ou indiretamente me apoiaram e acreditaram em mim, meu muito obrigada!

“É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão anticientífico. É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional.” (FREIRE, 1997, p. 8).

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade trazer à reflexão a relevância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem e formação do sujeito, em específico numa unidade de espaço não-escolar situada na cidade de Paulo Afonso-BA, uma casa de passagem. Vivemos em uma geração onde pouco se ouve falar de afeto, porém uma geração carente deste, é perceptível nos olhos, na fala, nos gestos e quando nos deparamos com diferentes situações em espaços sociais nos damos conta o quanto é imprescindível o cuidado ao tocar o outro. O trabalho contou com uma pesquisa prévia sobre o diálogo entre afetividade e educação, sobre casas de passagem e a influência da afetividade no processo de desenvolvimento social do sujeito, tendo como principais referências os teóricos Henri Wallon (1986), Vigotsky (1998 e 2014) e Paulo Freire (2002). Foi realizada também uma entrevista com a psicóloga e a pedagoga atuantes na casa de passagem de onde originou-se a pesquisa. É importante frisar a eficácia de se promover um espaço afetivo que abrace os sujeitos com suas bagagens, garantindo o desenvolvimento e construção de seu conhecimento atendendo às suas necessidades em geral. Trabalhar com amor é ir além de apenas transferir conhecimento, é doar-se, é romper as barreiras da arrogância e cultivar esperança em favor dos sonhos.

Palavras-chave: Afeto. Educação. Casa de passagem. Educação não-formal. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present study aims to bring to reflection the relevance of affectivity in the process of teaching-learning and training of the subject, specifically in a non-school space unit located in the city of Paulo Afonso-BA, a passage house. We live in a generation where little is heard about affection, but a generation in need of it is noticeable in the eyes, in speech, in gestures and when we encounter different situations in social spaces we realize how much care is essential when touching the other. The work had a previous research about the dialogue between affectivity and education, about passage houses and the influence of affectivity in the subject's social development process, having as main references the theorists Henri Wallon (1986), Vigotsky (1998 and 2014) and Paulo Freire (2002). An interview was also carried out with the psychologist and pedagogue working in the crossing house from which the research originated. It is important to emphasize the effectiveness of promoting an affectionate space that embraces the subjects with their luggage, ensuring the development and construction of their knowledge, meeting their needs in general. To work with love is to go beyond just transferring knowledge, it is giving oneself, it is breaking the barriers of arrogance and cultivating hope in favor of dreams.

Keywords: Affection. Education. Passing house. Non-formal education. Learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Sala de estar	37
Figura 2 Sala de jantar	37
Figura 3 Ambiente de estudo (A).....	38
Figura 4 Ambiente de estudo (B).....	39
Figura 5 Área de serviço (A).....	39
Figura 6 Área de serviço (B).....	40
Figura 7 Área externa.....	40
Figura 8 Sala de equipe técnica (A)	41
Figura 9 Sala de equipe técnica (B)	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. A AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS INICIAIS	18
2.1 Estágios do desenvolvimento humano.....	19
2.2. A Afetividade como Contribuição para o Desenvolvimento Social do Sujeito	24
3. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO ESPAÇO NÃO ESCOLAR: UM RELATO DAS CASAS DE PASSAGEM	29
3.1. Educação, um Ato De Amor: uma Abordagem de Paulo Freire	32
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXOS	51

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de uma pesquisa acerca da relevância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem de crianças, originada a partir de um trabalho realizado na Casa de Passagem *Menina Flor*, situada na cidade de Paulo Afonso – BA. O contato com a casa, com as crianças e cada funcionário despertou um olhar mais aguçado de como era o processo de aprendizagem ofertado em uma instituição não-escolar mais precisamente em uma Casa de Passagem, visto que é um espaço que abriga crianças e adolescentes as quais devido a questões do tipo abandono, violação de direitos, ameaças, maus tratos etc., são afastadas de sua família.

A escolha do tema partiu de um projeto de pesquisa apresentado à disciplina de Projetos Integradores 7 sobre atividades práticas interdisciplinares, sendo optado a ser aplicado em um espaço não-formal: uma casa de passagem. Com o objetivo de averiguar possibilidades de ações educativas neste ambiente, foram realizadas algumas atividades com as crianças e, ao longo da realização dessas atividades foi sendo despertada a curiosidade em pesquisar sobre o processo de aprendizagem de crianças, especialmente aquelas que expostas a algum tipo de violação de direitos tiveram sua rotina modificada e, por conseguinte, enfrentam algum tipo de trauma.

A partir disso diversos questionamentos foram levantados até chegar ao ponto principal da pesquisa, que é o lidar com essas crianças, visto que suas emoções se encontram feridas diante da situação a que foram levadas. Foi possível observar a realidade de algumas delas naquela instituição, crianças de diferentes idades, assomadas de realidades diversas, com um contexto histórico que ia além de qualquer perspectiva, muitas delas com sonhos suspensos, tomadas pelo medo, ainda assim com desejos e esperanças armazenadas em seu interior.

Diariamente, somos tomados por notícias sobre crianças exposta a algum tipo de violência, física ou psicológica e que são conseqüentemente levadas de seus lares para certa instituição. Em muitos casos são conduzidas a princípio ao Conselho Tutelar e seguidamente a uma Casa de Passagem. A hospedagem da criança nessa instituição passa por um processo jurídico e dependendo da

gravidade do motivo que levou o seu afastamento é possível que não mais retorne à sua família de origem.

A pesquisa conta com um questionário e uma entrevista não estruturada que foi realizada com a pedagoga e a psicóloga atuantes na casa de passagem localizada na cidade de Paulo Afonso-BA, levando em consideração o diálogo entre a escrita e a fala.

Como bem sabemos e pesquisas afirmam, é preciso traçar um método a fim de alcançar os objetivos propostos em uma determinada pesquisa. O método permite ao pesquisador procedimentos necessários para sua pesquisa com a finalidade de atingir os resultados esperados.

Em um trabalho intitulado *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*, escrito por Cleber Cristiano Prodanov e Ernani Cesar de Freitas, que traz uma abordagem acerca da importância das etapas do projeto de pesquisa, uma rica contribuição para a construção de um projeto de pesquisa científica.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013),

A pesquisa científica é a realização de um estudo planejado, sendo o método de abordagem do problema o que caracteriza o aspecto científico da investigação. Sua finalidade é descobrir respostas para questões mediante a aplicação do método científico. A pesquisa sempre parte de um problema, de uma interrogação, uma situação para a qual o repertório de conhecimento disponível não gera resposta adequada. Para solucionar esse problema, são levantadas hipóteses que podem ser confirmadas ou refutadas pela pesquisa. (PRODANOV E FREITAS, p. 43).

Ou seja, é através da pesquisa que se buscará a confirmação dos fatos observados, baseando-se em um método que valide essa apuração, já que pesquisar é buscar o conhecimento, é examinar o que ainda não temos o conhecimento mas estamos a procura, é investigar cientificamente.

E o que podemos entender sobre pesquisar cientificamente e como fazer isso? Seria qualquer fonte de pesquisa segura? Quando tratamos de pesquisa científica é necessário atentar a fontes confiáveis, pois, assim como os autores Prodanov e Freitas afirmam, a pesquisa vai além de apenas procurar a verdade, é ir em busca de respostas ou até mesmo soluções para aquilo que se está sendo investigado. Outro ponto de suma importância encontrado neste documento é quando os autores denotam que pesquisar requer “imaginação criadora, iniciativa,

persistência, originalidade e dedicação do pesquisador” (p. 45), bem como é necessário “tempo disponível para sua realização, espaço onde será realizado, recursos materiais necessários e recursos humanos disponíveis” (idem).

A pesquisa aqui realizada tem como característica a Pesquisa de Campo. A pesquisa de campo ocorre primeiramente em um Estudo Bibliográfico acerca da problemática, onde o pesquisador busca em documentos fundamentados conhecer aquilo que se está buscando para então ir a campo. Sendo assim,

Como qualquer outro tipo de pesquisa, a de campo parte do levantamento bibliográfico. Exige também a determinação das técnicas de coleta de dados mais apropriadas à natureza do tema e, ainda, a definição das técnicas que serão empregadas para o registro e a análise. (PRODANOV E FREITAS, p.60).

Prodanov e Freitas (2013) dizem que a pesquisa passa por três fases: a fase decisória, a fase construtiva e a fase redacional e cabe a cada pesquisador algumas atitudes, tais como buscar inovações, ter conhecimento do assunto estudado, ousar e avançar no desconhecido, ter perseverança e paciência, saber fazer, ter visão humanística diante dos fenômenos a serem estudados e principalmente fazer autocrítica em relação às próprias pesquisas.

A pesquisa também pode ser classificada em Quantitativa ou Qualitativa, onde a primeira conta com estatísticas, formulação de hipóteses, análises que garantem a precisão dos resultados. Já na pesquisa qualitativa o mundo real e o sujeito encontram-se intrínseco visto que “o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave” (p. 70). Podemos assim entender que

A utilização desse tipo de abordagem difere da abordagem quantitativa pelo fato de não utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades. Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. (PRODANOV E FREITAS, p. 70).

Sendo assim, caracteriza-se essa pesquisa como qualitativa descritiva discursiva, contando com a validação desta através de entrevista e questionário para realização da mesma. O momento de execução se dividiu em dois momentos. No primeiro momento será entregue um questionário para que o/a entrevistado/a responda a perguntas, através da escrita, sobre o seu ponto de vista no tocante a

importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem e o que se considera fundamental nesse processo. No segundo momento, que será a entrevista, o/a entrevistado/a terá a oportunidade, por meio de conversa, expressar aquilo que respondeu no questionário complementando a sua fala e dando significado as suas respostas.

É por isso que é de suma importância o estudo prévio do que vai ser pesquisado em campo. O estudo prévio é a base para uma boa execução da pesquisa a ser realizada, caso contrário não obteremos êxito. O momento de entrevista transparece a sensibilidade que há no entrevistado e a sua fala permite que suas ideias sejam formuladas e construídas no momento de diálogo. Marli André traz suas contribuições acerca do estudo de caso, ela aponta que o estudo de caso é uma forma particular de estudo. A autora afirma que a coleta de dados em campo é importante devido a aproximação entre pesquisador e entrevistado, é o período, mesmo curto, que o pesquisador pode colher o máximo de conhecimentos que darão significado a sua pesquisa.

No documento escrito por Prodanov e Freitas (2013) também encontramos que a entrevista pode ser padronizada ou estruturada, quando ocorre a partir de um formulário elaborado com antecedência; não padronizada ou não estruturada, onde há mais liberdade na entrevista e com questões abertas; e o painel, neste há repetições das questões para a mesma pessoa a fim de estudar variações nas opiniões enunciadas. A respeito do questionário os autores denotam que a linguagem utilizada deve ser de forma simples e direta, deve ser objetivo e deve haver motivação para o entrevistado responder as perguntas; um questionário com vocabulário acessível possibilita ao entrevistado um claro entendimento sobre o que se é perguntado.

Nesse sentido, para esta pesquisa optou-se por questionário e entrevista por ambas complementar-se, visto que através do questionário o entrevistado possui um tempo para organizar seus pensamentos e elaborar suas respostas e na entrevista são levados em considerações suas emoções e expressões. A pedagoga e a psicóloga entrevistadas irão desenvolver suas ideias, o que entende por afetividade, se concorda ou discorda que o afeto é um fator primordial na aprendizagem, dentre outros quesitos que inteirem suas respostas.

O primeiro capítulo vem enfatizando o termo afetividade, seu papel na educação e o quanto é imprescindível como forma de expressão e vínculo entre os sujeitos. Neste capítulo Vigotsky(1998) nos traz à reflexão as implicações da afetividade na prática docente. Também fala sobre o sentimento de infância, o desenvolvimento social do sujeito em um ambiente afetivo e as inferências negativas que a ausência de afeto pode atingir ao educando.

O capítulo seguinte disserta sobre o processo de aprendizagem em espaços não-formais, realizando uma breve diferenciação de espaços que prestam serviços de acolhimento. As atuais instituições de acolhimentos existentes se diferenciam entre si em alguns aspectos que neste capítulo serão apresentados. Logo após, são tratadas as casas de passagem e faz-se uma abordagem sobre os escritos de Paulo Freire quando diz que educação é um ato de amor. Educar está além da transmissão de conteúdos.

No último capítulo foram expostas as contribuições da psicóloga e pedagoga atuantes da Casa de Passagem *Menina Flor*, em que elas nos trazem a sua visão no tocante aos questionamentos que sustentam essa pesquisa. Elas trazem um levantamento sobre a instituição e a significância da prática da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Este capítulo apresenta aspectos da instituição *Menina Flor* como estrutura física, quadro de funcionários e demandas ligadas ao processo de instalação e desligamento das crianças/adolescentes. Neste capítulo também são apresentados os questionários propostos à psicóloga e pedagoga atuantes da Casa de passagem, no qual elas elucidam o seu ponto de vista no que se refere à educação, afetividade e aprendizagem.

Por fim as considerações finais, trazendo em linhas gerais a pesquisa em todos os aspectos, desde a pesquisa prévia em documentos até o contato com o espaço a ser pesquisados e os funcionários que o compõe.

Este trabalho encontra-se subsidiado por grandes teóricos da educação como Henri Wallon (1986), Vigotsky (1998 e 2014) e Paulo Freire (2002). Eles trazem uma reflexão no tocante à prática pedagógica que reconhece o educando como sujeito histórico e nos faz perceber que o ambiente afetivo favorece o processo de ensino e aprendizagem das crianças. Podemos aqui salientar que o vínculo afetivo entre educador e aluno estabelece um valor significativo à prática educativa, uma vez que, além de ser um condutor de conhecimentos, é

imprescindível que o educador atenda as carências afetivas e promova a todos um ambiente harmonioso e afável.

2. A AFETIVIDADE E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS INICIAIS

Para início de conversa, o que podemos entender por afetividade? O referido termo, de acordo com o dicionário Aurélio, é apresentado em dois pontos: no primeiro temos como significado “qualidade ou caráter de quem é afetivo” e no segundo ponto uma visão da psicologia denotando que afetividade é o “conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos”. Nos escritos de Pereira e Cordeiro podemos ver que “A afetividade não se resume em manifestações de carinho físico e sim em uma preparação para o desenvolvimento cognitivo” (sdt, p.1), manifestações estas que tem relação com o contato que a criança tem com quem as rodeiam. Afetividade vem da palavra afeto, está ligada a sentimento, a simpatia, a emoção, tem a ver com temperamento e motivação.

Joyce Monteiro Emiliano¹ e Débora Nogueira Tomás² escreveram um artigo intitulado como *Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente* (2015), no qual vem trazendo a visão bem como uma imprescindível contribuição do referido autor acerca da afetividade e seus efeitos. A princípio, as autoras destacam que o desenvolvimento do indivíduo, para Vigotski, é um processo construído pelas interações que o mesmo estabelece no contexto onde está inserido, visto que é através dessas interações sociais que ocorre a construção do conhecimento e de novas aprendizagens. Com isso fica claro o quanto é importante a mediação nesse processo; a atenção faz parte desse processo de mediação e é perceptível o quanto auxilia no desenvolvimento e na construção do conhecimento do indivíduo. As autoras destacam o seguinte:

Vigotski (1998) divide o desenvolvimento em dois níveis. O primeiro é o nível de desenvolvimento real, é tudo aquilo que a criança consegue fazer sozinha. O segundo seria o nível de desenvolvimento potencial, ou seja, o que a criança não realiza sozinha, porém com a ajuda de um adulto ou um parceiro mais capaz ela consegue realizar. (EMILIANO E TOMÁS, 2015, p.3)

Isso nos faz perceber o que foi citado anteriormente, a mediação como passo imprescindível no processo de construção da aprendizagem e conhecimento.

1 Graduanda em Pedagogia – Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP

2 Docente – Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP

Para tanto, assim como as autoras afirmam, a zona de desenvolvimento proximal é uma ferramenta necessária por trazer à tona tanto o que a criança já aprendeu, chamado de desenvolvimento real, como também aquilo que ela pode fazer com auxílio, desenvolvimento potencial. Todavia, se faz necessário destacar que Vigotski afirma que a aprendizagem não coincide com o desenvolvimento, pois este, segundo ele, é mais lento. O processo de desenvolvimento e a aprendizagem estão emparelhados e ao mesmo tempo o modo que ocorre é assíncrono.

Diante disso, o que pode ser considerado como elemento primordial dessa mediação entre criança e adulto? A fala. Pode-se perceber que a linguagem e a comunicação são fundamentais nesse processo, pois é através destas que a criança tem contato com o meio social ao qual estão inseridas, visto que há uma necessidade de comunicação nessa fase o que nos faz enxergar que a linguagem é uma forma de expressão significativa. Com isso,

Vigotski diferencia significado e sentido, sendo que o significado refere-se ao sistema de relações objetivas que se formam no processo de desenvolvimento da palavra e o sentido refere-se ao valor afetivo da palavra para cada pessoa, ou seja, neste último, conta as experiências individuais e as vivências afetivas, evidenciando a perspectiva de que cognição e afeto são aspectos indissociáveis na constituição do ser humano. (EMILIANO E TOMÁS, 2015, p.63).

Outro ponto considerado relevante no processo de desenvolvimento da criança por meio da mediação é a emoção que, segundo Vigotski, é a “reação reflexa de certos estímulos” e intervém no comportamento. Segundo Emiliano e Tomás,

(...) se o professor pretende realizar mediações junto ao aluno, é preciso relacionar seu comportamento com uma emoção positiva, para obter o sucesso pretendido no processo de ensino-aprendizagem. Ao professor é necessário que faça não só com que o aluno aprenda e assimile o conteúdo, mas que além de tudo seja capaz de sentir o conteúdo relacionando-o às emoções. (EMILIANO E TOMÁS, 2015, p. 65).

Vigotski nos faz pensar acerca da nossa posição dentro da sala de aula, porém, nos faz ir mais além, nos leva a refletir sobre nosso comportamento diante das crianças. Passar conteúdo é fundamental, mas o que não pode passar despercebido é o modo como nos expressamos e lidamos com cada um dos indivíduos que compõem nossa sala. A maneira como nos relacionamos com cada um, a forma como transferimos o conhecimento merece um olhar mais enfático, pois,

assim como as autoras Emiliano e Tomás apontam, Vigotski afirma que o saber torna-se morto quando não nos atentamos a isso.

Emiliano e Tomás (2015) traz também outros autores que evidenciam a afetividade como fundamental nesse processo de desenvolvimento do indivíduo. Elas citam Souza (2011) e Leite (2012). O primeiro diz que a afetividade “está ligada à singularidade”, que através da afetividade que se encontra a inteligência, “na construção de significado que é compartilhado por um grupo cultural”. O segundo denota que “a afetividade é fator essencial nas relações em sala de aula e por meio dela a mediação pedagógica estabelece a qualidade do vínculo aluno-objeto-professor” (p. 66). Essas afirmações favorecem para que possamos enxergar o quanto a afetividade contribui para a construção e desenvolvimento da aprendizagem, pois essa relação entre mediador e indivíduo influi de forma acentuada na prática pedagógica.

A teoria de Henri Wallon traz uma rica contribuição no tocante à afetividade, todavia, antes de adentrar em sua teoria vamos conhecer um pouco de sua história. Wallon nasceu na França no ano de 1879. Seus estudos eram voltados tanto a psicologia quanto a pedagogia e um dos motivos pelo qual despertou seu interesse no ser humano e no social foi sua criação em um ambiente humanista. Suas ocupações profissionais foram médico, psicólogo e professor; desenvolveu estudos sobre a criança e acredita que a pedagogia é de suma importância para a psicologia. Assim como é citado na Revista Ícone, Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura (2012, p. 131), o movimento é uma das formas de expressão da criança, mais precisamente a primeira forma, visto que é nessa fase que a criança interage com seu próprio corpo e com o que está ao seu redor, com experimentos a partir do toque. Contudo, Wallon acrescenta que linguagem e pensamento são indissociáveis, pois, a primeira exprime a segunda e possui grande influência para o desenvolvimento cognitivo.

Através da leitura de Magalhães (2013), Wallon ainda aponta que a emoção é a primeira manifestação da afetividade, visto que envolve vários elementos sejam corporais ou até mesmo cognitivos e o meio ao qual está inserido interfere no processo de ensino.

Desse modo, pode-se destacar que

Segundo Wallon, a inteligência não é o componente mais importante do crescimento humano, contudo essa formação dependia de três

vertentes: a motora, a afetiva e a cognitiva. Portanto, as dimensões biológica e social são inseparáveis, pois se complementam. O progresso de um sujeito não depende somente da sua inteligência garantida pela dimensão biológica, contudo ela conta também com o meio ambiente que vai contribuir para sua evolução. Assim surge a afetividade que é fundamental na educação. (MAGALHÃES, 2013, p. 15).

Contudo, vale ressaltar aqui que o que Wallon denota no tocante a importância da afetividade é que esta encontra-se ligada ao desenvolvimento do sujeito, pois é a partir dela (da afetividade) que o mesmo externa suas vontades e desejos. Sendo assim, a relação com o outro dá sentido a construção do eu.

2.1. Estágios do desenvolvimento humano

Consideremos agora os estágios que são de fundamental importância para o desenvolvimento humano apresentados por Henri Wallon (1986).

O primeiro deles é o Estágio impulsivo-emocional, o qual ocorre de 0 a 1 ano e é aqui onde a criança ainda não tem consciência entre o eu e o outro, porém se expressam de alguma forma, com seus gestos, suas emoções.

O segundo estágio é o Sensório-motor e projetivo, este vai até os 3 anos de idade e é neste estágio que ocorre a construção da linguagem da criança e função simbólica. É nessa fase da criança que os gestos são fundamentais como forma de expressão, em que a ação precisa do ato mental para se manifestar, ou seja, a criança nesse estágio reproduz as ações feitas pelo adulto, o que Wallon caracteriza como inteligência prática.

A formação do eu corporal corresponde à integração do corpo, das sensações ao corpo visual, isto é, a junção do corpo tal como sentido pelo próprio sujeito à sua imagem tal como vista pelos outros. A criança frente ao espelho leva um tempo até que reconheça como sua imagem refletida. Este processo é beneficiado pelo desenvolvimento das condutas instrumentais e da função simbólica. (SOUZA et al, 2012, p.133).

O terceiro estágio é o Personalismo que vai até os 6 anos, chamado por Wallon de estágio do espelho, pois a criança constrói uma imagem corporal de si mesma. Nesse estágio, ao reproduzir ações de outras pessoas, a criança pode moldar sua personalidade, abstraindo aquilo que mais lhe chama atenção e eliminando o que não corresponde ao seu gosto, levando assim a construir-se.

O próximo estágio é o Estágio Categorical, que vai dos 6 aos 11 anos. Nesse estágio a criança consegue diferenciar-se do mundo e é possível perceber que a escola possui um papel importante nessa fase, uma vez que a criança é conduzida a outras atividades e interação com outros grupos.

A criança mantém nesse estágio uma relação mais estável com os adultos. A afetividade que vivencia com o outro determina o teor positivo ou negativo do que ela pensa, sente e faz. Suas potencialidades serão determinadas pelo meio em que vive. A relação nutrida no seio familiar é diferente da relação que a tradição escolar apresenta, e, essa mudança a individualiza enquanto se adapta entre o que é “certo” e o que é “errado”. (SOUZA et al, 2012, p. 136).

Por fim, o estágio da Puberdade e adolescência, motivado pelas alterações hormonais do corpo, o indivíduo é levado a construir uma nova definição da sua personalidade. É uma fase de questionamentos sobre o próprio eu, seguido de uma ânsia de renovação desse eu.

Segundo Wallon, a afetividade é imprescindível no desenvolvimento humano. A criança desde o nascimento é cercada de afeto, o que contribui durante o seu desenvolvimento às suas relações com o mundo externo.

Em uma pesquisa apresentada na Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, no ano de 2012, os autores fizeram uma observação das crianças, de idades variadas, em cada estágio do desenvolvimento da teoria de Wallon. A primeira criança tem faixa etária de 6 meses e segundo os autores:

O comportamento da criança condiz com a teoria de Wallon. Suas atitudes são esperadas para a idade. A criança apresenta comportamento calmo, sorri quando perto dos pais e tende a chorar quando é colocado do lado de um estranho. Chora também sempre que se sente incomodada, seja pela roupa, fome, dor ou pela fralda suja. Fica feliz ao começar a comer e quando não quer mais vira o rosto. (SOUZA et al, 2012, p. 137).

Como podemos notar, assim como o autor apresenta, a criança no estágio impulsivo-emocional age de acordo com suas emoções.

Ao observar crianças de 1 a 3 anos, que se encontram no estágio sensório-motor e projetivo, notou-se que elas

são bem curiosas, contam histórias sem coerência, chamam atenção quando tem alguém diferente do meio em que ela está inserida; gostam de imitar os outros coleguinhas e até mesmo a professora. São também um tanto egocêntricas, não querem dividir seu brinquedo com os demais. (...) A criança pensa e age ao mesmo

tempo, como pode ser observado nas brincadeiras, elas chegam a contar longas histórias, começam com um assusto e terminam em outro totalmente diferente, o pensamento ainda é meio confuso (SOUZA et al, 2012, p.138).

A observação feita com crianças de 1 a 5 anos, no estágio personalismo confirmou que nessa fase a identidade da criança ainda está em construção. Os autores compartilharam o seguinte momento:

A professora propôs uma atividade onde desenhassem com giz, tinha giz cor de rosa e azul, todos os alunos pegaram o giz e começaram a desenhar quando aluno observado pegou o dele logo ele olhou para o dos outros meninos e disse que quem estava com o giz cor de rosa era menininha, e os meninos que estavam com o giz cor de rosa correram e trocaram. (SOUZA et al, 2012, p. 139).

Ao observar crianças do estágio Categorical, pôde-se perceber que elas já conseguem identificar diversos grupos sociais, família, amigos e colegas de escola. Desse estágio foi observada uma menina de 7 anos que apresentou ter pensamentos e palavras contraditórias. Exemplo: se num momento diz “minha prima é má”, em outro momento já nega sua afirmação “minha prima brinca comigo, eu gosto dela”.

Neste próximo estágio, Puberdade e Adolescência, observou-se um menino de 12 anos. Na sala de aula as atitudes dessa criança era de agressão e egocentrismo. Aconteceu da seguinte forma:

O adolescente agride o colega ao perceber que o mesmo tinha pegado sua caneta. A permanência do aluno em sala de aula é quase impossível e a professora conversa, pede, mas o aluno só xinga, chuta os colegas e arrotta alto em sala. (SOUZA et al, 2012, p.140).

Essas atitudes nos trazem à memória a afirmativa de Wallon quando diz que nesse estágio o adolescente confronta o adulto e possui suas próprias ideias.

E o que podemos aprender com isso? O que Wallon nos transfere quando nos apresenta cada estágio do desenvolvimento que aqui foi citado? Aprender cada um dos estágios do desenvolvimento nos mostra que é fundamental, desde pequeno, estabelecer uma boa relação entre as crianças; é desde pequeno que essas relações devem ser trabalhadas, visto que com o decorrer do tempo essas relações florescem e nos dá condições de ver e respeitar o outro, ter equilíbrio emocional, conhecer o seu cotidiano etc.

Wallon nos traz que a afetividade é um instrumento que contribui para a facilitação da aprendizagem e como já foi apresentado, o referido autor nos mostra que os quatro elementos importantes são o movimento, inteligência, afetividade e formação, contudo, vale ressaltar que estes quatro se encontram interligados.

2.2. A Afetividade como Contribuição para o Desenvolvimento Social do Sujeito

Abandono, maus tratos, violência, abuso, etc., fatores aos quais diariamente um acentuado número de crianças são expostas. Crianças levadas do convívio de seus pais para viver outra realidade, em outro ambiente, uma casa de passagem, por exemplo. O que fazer diante disso? Como educar essas crianças? E o emocional dessas crianças como fica?

Na Idade média não existia sentimento de infância. Segundo Phillipe Ariés (1981), a criança nessa época não era tratada de forma diferenciada dos adultos, ela participava das mesmas atividades e trabalhos domésticos que os adultos, bem como suas vestimentas não se distinguiam, a criança era considerada como um “adulto em miniatura”. O autor ainda frisa que tais vestimentas faziam com que as crianças não tivessem a liberdade de correr, brincar, dificultando-as de realizar qualquer atividade correspondente a sua idade. A infância na Idade Média era tratada como uma fase “sem importância”. Outro fator que era ignorado, tratado como algo comum era a morte de uma criança. Como podemos ver, a infância nesse período era considerada insignificante.

Criança, além de cuidados, precisa de carinho, atenção, afeto, ser notada como ser completo. A afetividade no ensino é o que norteia uma aprendizagem mais significativa que vai além do saber ler e escrever. Contudo,

O afeto na educação é uma ponte importante para que a criança adquira as habilidades necessárias do ensino. Aprender através da afetividade, é saber que cada criança é singular e necessita de um olhar diferenciado do seu professor. O professor principalmente da educação infantil não pode apenas se preocupar em ensinar a criança escrever e ler, é preciso afeto para formar crianças capazes de ser cidadãs. (CARDOSO, 2015, p.13)

Quando falamos de afetividade provavelmente o que vem à mente é algo subjetivo, porém, se faz necessário um estudo minucioso do que realmente se trata. Ser afetuoso vai muito além de abraçar, colocar a criança no colo, é estar atento ao

que se passa no interior de cada uma delas, ir ao encontro de suas emoções, é se preocupar verdadeiramente com o desenvolvimento de sua aprendizagem.

É preciso estar atento às emoções carregadas pelas crianças, visar não somente a aprendizagem mecanicista, mas aquilo que as crianças trazem em seu interior, seus sentimentos, medos e necessidades como a carência de afeto, de ser ouvida e assistida.

Cardoso (2015) complementa essa fala quando diz que

O processo de afetividade no ensino não rotula as crianças, muito pelo contrário sabe que tem um jeito e que através da afetividade irá encontrar o caminho para conduzir a criança no caminho do crescimento. O professor que toma posse dos estudos de grandes teóricos da educação, que se dedicaram a estudar esse tema, com certeza será um professor diferente, que nunca estereotipará o seu aluno como sendo “burro” ou “desinteressado”. (CARDOSO, 2015, p. 10)

Ser afetuoso no processo de ensino vai além de ensinar a ler e escrever, é entender a singularidade que cada indivíduo possui, é enxergar o seu interior e compreendê-lo como ser que possui emoções e sentimentos, lembrando que o ambiente escolar é um lugar onde elas devem se sentir abraçadas, pois isso pode afetar na aprendizagem delas. É preciso despertar a seguinte indagação: o que a criança espera ao chegar em um ambiente diferente ao qual está inserida? Ela espera ter atenção, ser olhada com afeto, ser ouvida. O desenvolvimento da criança baseia-se nas interações pelas quais acontecem no dia a dia da mesma. Assim como Cardoso (2015) afirma é essencial que as necessidades básicas da criança sejam atendidas, que aprendam a viver em grupo.

O RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil) é um documento rico em orientações didáticas e quando se trata de interações ele aponta que é uma das “estratégias mais importantes do professor”. Ele traz também que o professor deve criar situações de conversa, brincadeiras que interajam com o grupo e com isso tornar o ambiente aconchegante, passando confiança e segurança para a criança.

Há práticas que privilegiam os cuidados físicos, partindo de concepções que compreendem a criança pequena como carente, frágil, dependente e passiva, e que levam à construção de procedimentos e rotinas rígidas, dependentes todo o tempo da ação direta do adulto. Isso resulta em períodos longos de espera entre um cuidado e outro, sem que a singularidade e individualidade de cada

criança seja respeitada. Essas práticas tolhem a possibilidade de independência e as oportunidades das crianças de aprenderem sobre o cuidado de si, do outro e do ambiente. Em concepções mais abrangentes os cuidados são compreendidos como aqueles referentes à proteção, saúde e alimentação, incluindo as necessidades de afeto, interação, estimulação, segurança e brincadeiras que possibilitem a exploração e a descoberta. (RCNEI p. 19)

Contudo,

No momento que o professor consegue trabalhar com a emoção adequada os benefícios começam a aparecer, pois assim consegue chamar a atenção dos alunos e por consequência os aprendizes começam a relatar experiências e com isso ganhar espaço para mostrar os seus talentos de diversas maneiras melhorando como filhos e sucessivamente como bons educandos. (MAGALHÃES, 2013, p.13)

Partindo da reflexão sobre o espaço ao qual a aprendizagem se desenvolve podemos perceber que onde há afetividade há sensibilidade, o que vem a facilitar esse processo de construção do conhecimento. A afetividade dá significado ao fazer pedagógico, uma vez que o ato afetivo denota comprometimento e dedicação bem como atenção àquilo que se faz. É por isso que em muitas pesquisas nos deparamos com afirmativas dizendo que é necessário um olhar mais atento acerca desse termo justamente por ser um fator que passa despercebido que educar vai além de repassar informações, há algo a mais, é fundamental que o indivíduo aprenda sobre si e a sociedade que o cerca, que se aceite assim como também aceite os outros em suas particularidades, sejam afetuosas, pratiquem o respeito, aprenda sobre valores éticos e morais. Um ambiente afetivo cria para a criança um lugar prazeroso onde ela se sente valorizada.

A construção do sujeito vai ser determinada através de interações entre o eu, o outro e como o ambiente é o campo onde essas interações ocorrem, se faz necessário cuidar desse campo. A conquista é a chave para um ensino eficaz e essa conquista se dá através do afeto. Podemos ver isto na fala de Cunha (2008) *apud* Xavier quando diz que

“Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompem lugares que, muitas vezes, estão fechadas às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de

auxílio ao professor mais eficaz” (CUNHA, 2008, p. 51 *apud* XAVIER, 2014, p.15).

Um ambiente afetivo é constituído por boas relações de uns para com os outros. Quando a criança é levada a gostar de aprender, a ter curiosidade pelo que vai aprender, o ensinar é conduzido de maneira agradável e instigante, é eficaz o ensino e a aprendizagem. O modo como o conhecimento é transferido contribui de forma acentuada nesse processo. Segundo Magalhães (2013),

(...) somente aprendemos quando estamos felizes, quando ansiamos aprender ou quando gostamos do que vamos aprender. Basicamente o professor deve levar o aluno a gostar da disciplina que ministra, a partir daí ensinar, pois este processo de ensino e aprendizagem deve ser realizado em consenso com o aluno, quem ensina aprender e quem aprende ensina. (MAGALHÃES, 2013, p.32)

Como podemos ver, o ambiente influencia de forma positiva quando há um vínculo entre educando e educador e a afetividade e aprendizado caminham juntos. Sentir-se seguro e confiante, saber que existe alguém com quem possa contar, reflete o sujeito significativamente, fazendo com que ele possa aprender aquilo que está sendo ensinado e para isso se faz necessário que o ambiente seja preparado de forma acolhedora para esse sujeito.

A aprendizagem vai fluindo quando se tem um ambiente que favoreça isso. A medida que o educador se preocupa com a preparação do espaço, ganhando a confiança dos sujeitos ali inseridos, os resultados começarão a surgir e logo verá os benefícios expostos. Trabalhar com afetividade motiva, instiga, move, atrai bons resultados.

Para isso é de suma importância o desenvolvimento do vínculo afetivo entre profissionais da educação e alunos. As boas inter-relações promovem um ambiente mais agradável e com isso possibilitam a oportunidade de um processo de ensino aprendizagem mais eficaz. Boas relações se manifestam por meio de diálogo, troca, paciência, compreensão e tolerância. (MAGALHÃES, 2013, p. 16 e 17).

As boas relações são imprescindíveis no dia a dia e principalmente quando se trata de ensino aprendizagem. São elas a base para uma boa aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos.

Diariamente nos deparamos com notícias de agressões orais e físicas e outras questões parecidas direcionadas tanto a crianças como adolescentes também. Maus tratos e abandonos no início da idade tendem a gerar essas reações

negativas futuramente, em que a criança cresce com atitudes que ferem os outros porque foi dessa forma que o ambiente ao qual estava inserida ensinou, o espaço pode influenciar positiva ou negativamente. É necessário atentarmos ao fato de que o adulto é referência para a criança e o que a ela é transferido tem poder motivador sobre ela e destacar o que o Estatuto da Criança e do Adolescente traz no Art. 7º que diz o seguinte: A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.

Na sala de aula não acontece diferente. Quantas vezes ouvimos falar de crianças que agredem verbalmente seus professores? Quantos casos de alunos que insultam, provocam ou até mesmo espancam seus colegas de classe? Essas crianças possuem um histórico de vida marcado por fatores que a levaram a isso e só existe uma forma de atrair a atenção delas: o afeto. Como afirma Magalhães (2013),

Verificamos que o professor primeiramente deve conquistar o seu aluno através do afeto, pois assim ele conseguirá além de ensinar o conteúdo fará com que este aluno se torne um cidadão consciente de seus direitos e deveres, pois hoje nos deparamos com muita agressividade, conflitos e dispersão que tornam o aprendizado cada dia mais difícil e um dos caminhos que devemos percorrer como educador é de resgatar o aluno através da afetividade direcionada a ele pelo professor. (MAGALHÃES, 2013, p. 19).

Quando nos aproximamos do aluno, buscando entender sua história e dentre ela os seus medos, anseios, sonhos, dentre outros fatores, passamos para ela o quanto nos importamos com ela e dessa forma construímos um vínculo necessário. Importante frisar que a criança busca aceitação, ser ouvida e acolhida, o que conseqüentemente impulsionará o processo de aprendizagem dela.

3. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO ESPAÇO NÃO ESCOLAR: UM RELATO DAS CASAS DE PASSAGEM

Não é somente dentro dos espaços escolares que as relações professor-aluno se aplicam. Orzechowski (2017) aclara essa afirmativa quando diz que dia-a-dia são construídas as relações ensino-aprendizagem, professor-aluno, teoria-prática “dentro e fora da escola” (p. 295). É imprescindível atentar-se ao trabalho pedagógico que acontece fora do ambiente formal, interpretá-lo e intervir nele, não perdendo de vista a finalidade do pedagogo que é a de educar o homem. Orzechowski (2017, p. 295) ainda denota que “o processo educativo que acontece dentro e fora da escola torna-se objeto reflexivo que merece atenção, dado ao campo de atuação”. É importante frisar que além do acolhimento, o pedagogo deve propor um trabalho intuitivo, repleto de ações sócio educativas.

É considerada educação formal aquela que acontece dentro da escola, porém atividades que tenham caráter pedagógico intencional mesmo que fora da escola também pode ser vista como educação formal. Como afirma Libâneo (2010, p. 88):

Entende-se, assim, que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal. Nesse caso, são atividades educativas formais também a educação de adultos, a educação sindical, a educação profissional, desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do marco do *escolar* propriamente dito. (LIBÂNEO 2015, p. 88).

No tocante a educação não-formal, não é que esta não seja intencional, todavia até mesmo dentro da escola pode acontecer educação não-formal assim como afirma Libâneo (2015, p.89) “são práticas não-formais as atividades extra-escolares que provêm conhecimentos complementares, em conexão com a educação formal”, ou seja, podemos apontar como exemplo de tais atividades aquelas em que os alunos são conduzidos a museus, feiras, visitas em locais diversificados, dentre outros. Desse modo,

A educação não-formal seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. A educação formal compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática. (LIBÂNEO, 2015, p. 31).

Os serviços de acolhimentos são prestados com o objetivo de reintegrar as crianças e adolescentes instalados na instituição à sua família de origem ou encaminhar a família substituta. Esses serviços de acolhimento se dão em diversos espaços tais como abrigos institucionais, casas lares ou casas de passagem, famílias acolhedoras e repúblicas.

O abrigo institucional é uma organização que oferta serviços de acolhimento com base em demandas adequadas ao seu público alvo, prezando a estabilidade e cuidados necessários durante toda a rotina diária da criança e do adolescente. O número máximo de criança/adolescente equivale a 20 (vinte) por instituição. O que distingue as casas lares dos abrigos institucionais é, além do número de criança/adolescente ser menor, a presença de um educador/cuidador ativo nas resoluções que se encontram relacionadas à casa e a rotina diária. A presença do educador/cuidador proporciona, ainda, proximidade entre ele e as crianças e adolescentes convertendo o ambiente em um espaço menos institucional e mais próximo a uma rotina familiar. Todavia é essencial saber que a presença do educador/cuidador não está ligado a ocupar o lugar da família de origem, porém trabalhar em função da consolidação do elo familiar propiciando a reintegração familiar ou condução à uma família substituta.

Os serviços de Acolhimento em Família Acolhedora atende uma criança/adolescente por vez, podendo aumentar esse número caso se trate de grupo de irmãos. Sua principal função é acolher a criança ou adolescente que por medidas protetivas foram levadas ao afastamento do convívio da sua família; refere-se a uma unidade provisória diferenciada concebida como regime de colocação familiar. Cabe aqui frisar que as famílias selecionadas para prestarem esse serviço tem de sere capacitadas e tal processo de capacitação se dá por meio de oficinas e seminários que debatam assuntos indispensáveis como os direitos da crianças e do adolescente, termos jurídicos e políticos bem como temáticas que englobam a conduta e desenvolvimento da criança e do adolescente.

A República oferta 6 vagas e, diferente das outras instituições citadas, o público é de jovens de 18 a 21 anos que de alguma forma também se encontra em situações de risco seja pessoal, social ou até mesmo familiar. A república oferece apoio, porém o custo da locação, caso seja um imóvel alugado, é de responsabilidade do jovem. Os jovens da instituição são inspecionados por uma

equipe técnico-profissional, orientados e encaminhados para programas de profissionalização e inserção no mercado de trabalho.

As casas de passagem, segundo Correia (2013, p.35), é uma modalidade de instituição que tem como característica acolhimento de curta duração, no qual o que se prioriza é a reintegração à família de origem, como também conduz a uma adoção caso a reintegração à família não obtenha êxito. Com relação ao prazo para a reintegração ou adoção é de no máximo dois anos, de acordo com a Lei 12.010/2009. O não cumprimento do prazo encaminhará o mais rápido possível essas crianças e adolescentes a outras instituições de acolhimento.

De acordo como ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) se faz necessário oferecer acolhimento, cuidado e espaço, mediante os seguintes princípios: I- preservação dos vínculos familiares; II- integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem; III- atendimento personalizado e em pequeno grupo; IV- desenvolvimento de atividades de regime de co-educação; V- não desmembramento de grupos de irmãos; VI- evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados; VII- participação na vida da comunidade local; VIII- preparação gradativa para o desligamento; IX- participação de pessoas da comunidade no processo educativo. Tais princípios se aplicam nas demais instituições de acolhimento de crianças e adolescentes. Como aponta Correia, é imprescindível estar ciente dos contextos históricos, jurídicos e sociais, “através dos quais as formas de cuidado e proteção voltados às crianças e aos adolescentes se formam e se transformam e com isso tomam significados específicos é de fundamental importância” (2013, p. 36).

Tavares (2010, p.193), afirma que o “poder criativo” nos espaços não-escolares tem sua eficácia, é imprescindível um olhar atento nas práticas pedagógicas fora do âmbito escolar, manter um espírito motivador, vontade e entusiasmo de “transformar a realidade”. Segundo a autora, o espaço não-escolar pode ser considerado também um lugar de aprendizagem, de interações, de partilha, onde educadores e acolhidos podem “aprender participando das interações” que ocorrem nesse espaço.

As casas de passagem têm significância na formação do indivíduo uma vez que esse espaço oferece, além do acolhimento, um lugar de aprendizagem, onde por meio do trabalho conjunto possam aprender sobre valores e práticas educativas.

Tavares (2010) afirma que “a vida social é fundamental para o desenvolvimento do ser humano”, e, portanto

A Educação Social, da Pedagogia Social e dos Espaços Não-Escolares baseia-se na premissa de que é necessário construir nos indivíduos, notadamente entre os excluídos sociais, o desejo de participação em uma estrutura societária, compreendendo-a por meio da extensa rede de interações sociais (grupo, comunidade, organização, instituições, categorias, sistemas) que a realidade social faculta. (TAVARES, 2010, P. 136).

Embora as casas de passagem, bem como as casas lares e outras instituições sejam significantes para as crianças e adolescentes, é necessário que se atente às normas para que melhor possam ser atendidos, desde a questão do espaço como também a formação e intervenção dos profissionais responsáveis por tais.

3.1. Educação, um Ato De Amor: uma Abordagem de Paulo Freire

Ao nos lançarmos através das lentes do autor Paulo Freire, considerado um dos mais célebres autores brasileiros, podemos tomar conhecimento do que defende em sua teoria e refletir em relação a amorosidade no ato de educar. Freire (2002) aponta que devemos fazer do bom senso prática e ele vem trazendo alguns pontos a se considerar:

O meu bom senso me adverte de que há algo a ser compreendido no comportamento de Pedrinho, silencioso, assustado, distante, temeroso, escondendo-se de si mesmo. O bom senso me faz ver que o problema não está nos outros meninos, na sua inquietação, no seu alvoroço, na sua vitalidade. O meu bom senso não me diz o que é, mas deixa claro que há algo que precisa ser sabido. Esta é a tarefa da ciência que, sem o bom senso do cientista, pode se desviar e se perder. Não tenho dúvida do insucesso do cientista a quem falte a capacidade de adivinhar, o sentido da desconfiança, a abertura à dúvida, a inquietação de quem não se acha demasiado certo das certezas. Tenho pena e, às vezes, medo, do cientista demasiado seguro da segurança, senhor da verdade e que não suspeita sequer da historicidade do próprio saber. (FREIRE, 2002, p. 25)

Quando aplicamos o bom senso citado por Freire, pensamos sobre a prática pedagógica, sobre nossa postura diante da criança e se estamos atentos à dignidade, autonomia e identidade da mesma, é ter coerência entre aquilo que se diz e que se faz.

Existe um fator muito importante no contato com o outro que é o saber escutar. A escuta promove a sinceridade no diálogo bem como permite que o outro tenha espaço para ordenar sua fala e suas expressões; é um campo onde as diferenças são respeitadas e o direito de se posicionar toma lugar. A criança, assim como todo sujeito, dispõe da necessidade de ser ouvida e é importante aqui frisar que quando nos recusamos a escutar, conseqüentemente estamos nos recusando a entender o outro, como afirma Freire (2002, p. 45) “Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me *escutá-lo* ou *escutá-la*.”. Desse modo o autor ainda acrescenta:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 2002, p.45)

É preciso desvencilhar-se da ideia de que o próprio pensamento é o único correto e abrir espaço para outras formas de pensar, agir, falar, se expressar de algum modo, aspectos que se dão através do respeito às diferenças, posto que a criança traz consigo a sua bagagem experiências que dão sentido a sua história. Contudo, compete-nos compreender que o silêncio revela afeição ao outro e propicia uma estreita relação ele e o educador.

O afeto e o amor estão ligados ao ato de educar e quando nos certificamos dessa afirmativa entendemos que educar vai além de transferir conhecimento, é proporcionar ao educando um ambiente afetuoso ao qual desfrutem de uma aprendizagem significativa, é instigar a criança à curiosidade e aos desafios. Portanto, um educador que desafia o seu educando está comprometido com uma educação autêntica, visto que são incentivadores da busca pelo conhecimento.

Além da escuta, a humildade é considerada um recurso muito significativo para a educação, pois ela evidencia o fato de que ninguém é superior a ninguém. Nas palavras de Freire (2002, p. 46), a falta de humildade “é uma transgressão da

vocação humana do ser mais”. É imprescindível dar importância ao fato de que enquanto educadores somos exemplos para as crianças e a postura ética tem de se fazer presente na prática pedagógica.

A teoria freiriana além do mais, nos faz entender que a prática pedagógica deve ser coerente e que quando o educador não aceita que o seu pensamento possa vir a ser divergido em sala de aula age, desse modo, incoerente e a educação se torna neutra. É nesse sentido que contemplamos o quão imprescindível é o silêncio para que o outro possa posicionar-se, expor a sua visão de mundo perante outras.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esse capítulo conta com os resultados obtidos no decorrer da entrevista realizada seguida de um questionário com cinco questões abordando o termo afetividade e a importância da mesma no desenvolvimento social e aprendizagem da criança. Contamos com as contribuições da psicóloga e da pedagoga atuantes na Casa de Passagem Menina Flor. Com o intuito de preservar a imagem das entrevistadas, ao longo do trabalho será usado um nome fictício para cada uma sendo P.A para a psicóloga e P.B para a pedagoga.

Foram realizados dois encontros, onde o primeiro foi feito com a psicóloga e em outro momento com a pedagoga. Iniciamos a nossa conversa acerca da Casa de Passagem, a instalação das crianças, o objetivo da instituição entre outros quesitos apresentados no documento oficial que pudemos ter o contato direto. Este documento apresenta tanto os objetivos como também toda a estrutura e funcionamento da instituição.

Dos princípios norteadores podemos citar os seguintes: Excepcionalidade do Afastamento do Convívio Familiar; Provisoriedade do Afastamento do Convívio Familiar; Preservação e Fortalecimento dos Vínculos Familiares e Comunitários; Garantia de Acesso e Respeito à Diversidade e Não-discriminação; Oferta de Atendimento Personalizado e Individualizado; Garantia de Liberdade de Crença e Religião; Respeito à Autonomia da Criança, do Adolescente e do Jovem.

P.A ressalta os principais objetivos da Casa de Passagem, também apresentados no projeto de acolhimento da cidade. Além de acolher é importante que os vínculos familiares sejam reestabelecidos, que seja possível uma boa convivência comunitária, que os indivíduos possam ter acesso a programações culturais e de lazer, tenha acesso a rede educacional e oportunidades de escolhas com autonomia.

A instituição atende a crianças e adolescentes de 0 a 18 anos de idade sendo 20 o número máximo por unidade. Essas crianças são acolhidas sob medidas aplicadas pelo Juiz da Infância e da Juventude ou pelo Conselho Tutelar.

A estrutura física é composta de quartos, sala de estar, sala de jantar, ambiente para estudo, banheiro, cozinha, área de serviço, área externa

(varanda/quintal/jardim), sala para equipe técnica, sala de coordenação, espaço para reuniões.

O número de criança por quarto é de 4 (quatro) à 6 (seis) e neste espaço deve conter as camas, berços ou beliches e os pertences individuais de cada criança.

A **sala de estar** é um espaço reservado para atender os usuários, todavia sua dimensão deve acomodar o usuário atendido e os cuidadores/educadores. Esta sala é composta por dois sofás, uma TV e uma estante.

Figura 1 Sala de estar



Fonte: a autora.

A **sala de jantar** pode ser um cômodo independente ou estar anexado a outro cômodo.

Figura 2 Sala de jantar

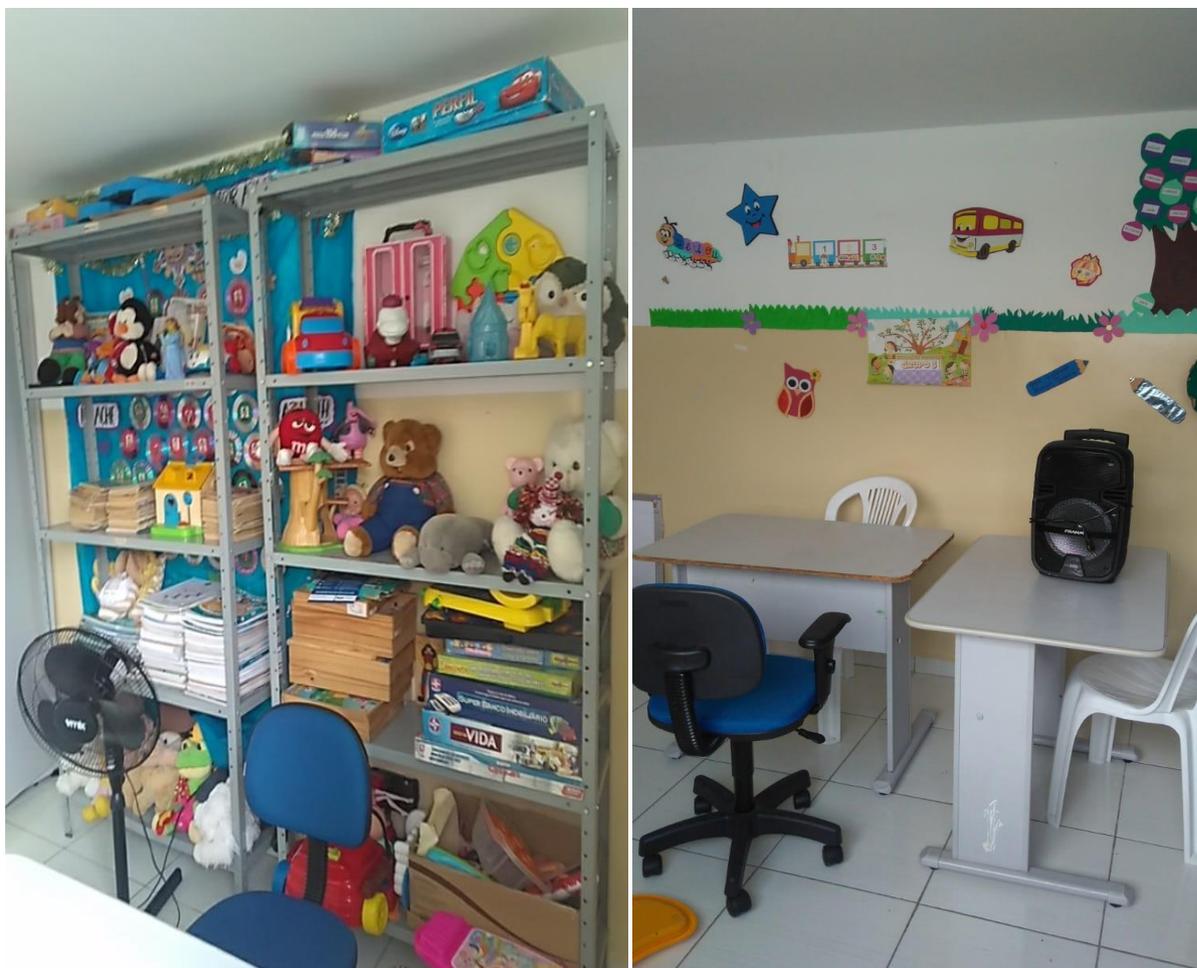


Fonte: a autora.

A **cozinha** deve comportar utensílios e mobiliários para preparar os alimentos para os usuários e cuidadores/educadores. Quando preparados os alimentos, as crianças são dirigidas até a cozinha para fazer suas refeições. Na Menina flor estes dois cômodos comportam em um mesmo espaço.

O **ambiente de estudo** se trata de um espaço destinado a esse fim contendo o mobiliário adequado. Neste espaço é possível encontrar livros, cadernos, jogos lúdicos, brinquedos etc. É neste espaço que acontece o apoio pedagógico e as crianças e adolescentes são acompanhadas em suas atividades escolares e afins.

Figura 3 Ambiente de estudo (A)



Fonte: a autora.

O uso desse espaço tem horário programado onde as crianças podem frequentar no horário oposto ao da escola onde elas estudam. Aqui elas tem um suporte pedagógico e juntamente com a pedagoga podem ser assistidas em suas

atividades escolares entre outras atividades que possam complementar com a aprendizagem delas.

Figura 4 Ambiente de estudo (B)



Fonte: a autora.

O **banheiro** deve conter 1 lavatório, 1 vaso sanitário, 1 chuveiro para até 6 crianças e adolescentes, bem como 1 lavatório, 1 vaso sanitário e 1 chuveiro para os funcionários. Não foi autorizado o registro desse local.

A **área de serviço** é um espaço para que possam ser guardados equipamentos, objetos e produtos de limpeza e assegura o cuidado com a higiene pessoal e do abrigo em sua totalidade.

Figura 5 Área de serviço (A)



Fonte: a autora

Como podemos ver na seguinte imagem, é um espaço grande, mais usado pelos cuidadores por ser exclusivo para manutenção da limpeza geral da Casa bem como da higiene pessoal das crianças como por exemplo a lavagem das roupas. Este espaço dá acesso aos quartos das crianças maiores e dos adolescentes e ao ambiente de estudo.

Figura 6 Área de serviço (B)



Fonte: a autora

A **área externa** é onde acontecem as interações e brincadeiras que possibilitem a socialização dos usuários.

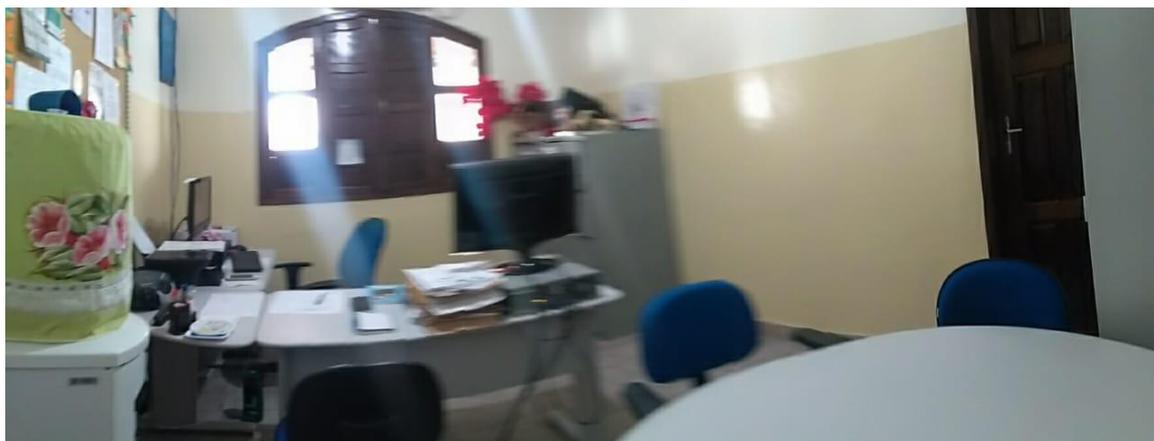
Figura 7 Área externa



Fonte: a autora

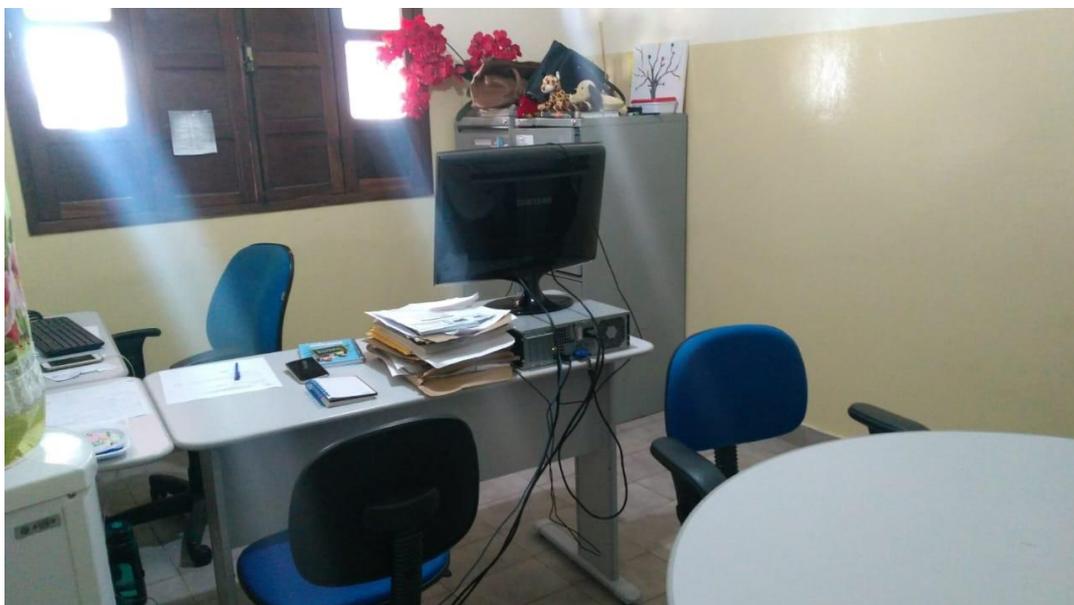
A **sala de equipe técnica** é o lugar que acontecem atividades de natureza técnica como a elaboração de relatório e reuniões. Na sala de coordenação são guardados os prontuários das crianças e adolescentes, em condições de segurança e sigilo. O espaço para reuniões, onde são feitas as reuniões tanto da equipe quanto com a família do usuário. Ambos acontecem em um mesmo espaço.

Figura 8 Sala de equipe técnica (A)



Fonte: a autora

Figura 9 Sala de equipe técnica (B)



Fonte: a autora

Em relação ao quadro de funcionários, de acordo com os documentos, a instituição deve contar com quatro vigilantes (sendo dois em cada turno), um motorista, uma cozinheira, uma assistente social e uma psicóloga. Trabalham juntos, para a eficácia do trabalho a fim de assegurar a criança e o adolescente, o Poder

Judiciário, o Ministério Público, a Defensoria Pública, o Conselho Tutelar, a Segurança Pública e os Conselhos de Direitos. Ao suceder o acolhimento, é fundamental que se atentem em favor do desenvolvimento integral da criança e do adolescente, bem como a superação de vivências de separação e violência, a apropriação e ressignificação de sua história de vida e o fortalecimento da cidadania, autonomia e a inserção social.

Para que aconteça a hospedagem da criança na instituição é necessário que se faça um diagnóstico da situação da mesma avaliando os riscos à que estão subordinadas e outros critérios. Neste diagnóstico devem estar contidas informações referentes a composição familiar e contexto sócio-econômico e cultural no qual a família está inserida, mapeamento dos vínculos significativos na família (família extensa, amigos, vizinhos, padrinhos, instituições, etc.), valores e costumes da comunidade da qual a família faça parte, condições de acesso da família a serviços, programas e projetos das diversas políticas públicas que possam responder às suas necessidades, situações de vulnerabilidade e risco vivenciadas pela família que repercutam sobre sua capacidade de prover cuidados, situação atual da criança ou adolescente e de sua família, inclusive motivação, potencial e dificuldades da família para exercer seu papel de cuidado e proteção, história familiar e se há padrões transgeracionais de relacionamento com violação de direitos, percepção da criança ou adolescente em relação à possibilidade de afastamento do convívio familiar, nos casos de violência intra-familiar, se há possibilidade de afastamento do agressor da moradia comum para a manutenção da criança ou adolescente na moradia em condições de proteção e segurança, grau de risco e desproteção ao qual a criança ou adolescente estará exposto se não for afastada do ambiente familiar, entre outros. Fica cognoscível todo o cuidado no processo feito para que esta criança ou adolescente estejam amparadas em um ambiente que lhes proporcione segurança.

A possível reintegração da criança e do adolescente à sua família de origem também passa por um processo minucioso examinando o vínculo e participação da família com a rede. Esse estudo é realizado periodicamente sendo acompanhado pela equipe técnica da Casa, contando com entrevista individual, no domicílio com a família e também na comunidade a qual está inserida sendo levados em consideração os seguintes pontos: as reações da criança, do adolescente e da família ao afastamento e ao acolhimento no serviço; a vinculação afetiva e a

motivação mútua da família, da criança e do adolescente pela continuidade da relação afetiva e retomada do convívio; se os encaminhamentos realizados foram viabilizados e qual tem sido a resposta da família, da criança e do adolescente aos mesmos; se há, por parte da família, conscientização dos motivos que levaram ao afastamento da criança ou adolescente e motivação para superá-los; se há movimento de mudança nos padrões de relacionamento entre os membros da família e desta com a comunidade e instituições sociais; se existem membros da família que possam se responsabilizar e compartilhar os cuidados com a criança e o adolescente; se a família possui vinculações significativas com pessoas da comunidade e serviços que possam apoiar os cuidados à criança e ao adolescente. Caso não sejam alcançados os requisitos, a criança permanece ligada à instituição até uma possível adoção ou inserção no mercado de trabalho ao atingir a idade máxima de instalação na Casa.

Após as discussões gerais, a psicóloga e a pedagoga responderam e entregaram o questionário contendo indagações que serão apresentadas a seguir. A primeira questão se deu da seguinte forma: Para você, o que significa o termo afetividade? Diante dessa pergunta, P.A diz que

No âmbito da psicologia, a afetividade pode ser a forma que o sujeito experiencia desejos, emoções, sentimentos, necessidades, revela sua visão de mundo e a maneira de se manifestar nele. É considerada a capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas. Por meio da afetividade é possível o sujeito criar vínculos e laços afetivos, como também é fator de fundamental importância no processo de aprendizagem, na relação professor-aluno.

Segundo P.B,

A afetividade exerce um papel fundamental no desenvolvimento humano, estimula a nossa aprendizagem motora e cognitiva.

Diante disso podemos relacionar com o que foi trazido até aqui no tocante ao significado do termo afetividade e a sua influência no processo de aprendizagem. A afetividade se dá no compartilhamento de fatores relacionados em diversos aspectos da vida do sujeito, é através dela que é possível fortalecer laços afetivos com os que nos rodeiam, bem como relações de amizade e segurança.

A segunda pergunta do questionário se refere a afetividade e sua ligação com a aprendizagem e foi feita da seguinte maneira: Afetividade e ensino-aprendizagem. Você considera que há uma relação entre esses dois termos? De que forma? Em resposta, a P.A denota que

Possui estreita relação. A afetividade determina a relação professor-aluno, o que garante grande relevância na forma como o aluno irá assimilar novos conteúdos. No processo de construção de conhecimento tem fundamental importância juntamente com a cognição e a dimensão motora.

A P.B, por sua vez, declara:

Sim. Sem afeto não existe interesse, necessidade e nem motivação.

Como podemos ver nas duas respostas, afetividade e ensino-aprendizagem estão correlacionados, visto que a afetividade é considerada como uma ferramenta imprescindível no processo de ensino-aprendizagem, facilitadora deste processo, e uma ponte essencial na relação entre educador e educando.

Na terceira questão foi indagado: É possível afirmar que um aluno se sente estimulado e compreende significativamente o que lhe é ensinado com um ambiente afetivo? P.A cita Wallon e a sua resposta discorre do seguinte modo:

Faço uso das palavras de Wallon “a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento”. Desta forma, um ambiente afetivo, com trocas afetivas proporciona uma construção de conhecimento maior.

Para este questionamento a P.B responde:

Sim. A afetividade tem o poder de influenciar positiva e significativamente. É através da vivência afetiva que o aluno produz e edifica qualitativamente a sua aprendizagem.

É perceptível nas duas falas que um espaço onde há manifestações afetivas favorece para que o aluno se sinta entusiasmado e se sinta destemido no seu processo de desenvolvimento social, aprendizagem, vivências e formas de expressão.

A quarta pergunta traz o seguinte questionamento: Como tornar o momento de ensino-aprendizagem dinâmico, atendendo e ouvindo os alunos em suas necessidades e limitações? A psicóloga afirma:

Acredito que o ponto chave é tornar o ambiente educacional um espaço criativo, onde possibilite ao aluno participar ativamente da construção do conhecimento de forma contextualizada.

P.B responde da seguinte forma:

É importantíssimo que o mediador (professor) tenha competência, para que possa valorizar e estimular os alunos, a cada momento do processo ensino-aprendizagem. A motivação é imprescindível para o desenvolvimento do aluno, pois bons resultados de aprendizagem só serão possíveis a medida que o mediador proporcionar um ambiente que estimule o aluno a criar, discutir, perguntar e ampliar ideias.

Para tanto, assim como declara Emiliano e Tomás (2015, p. 65), “A linguagem oral, o contato físico, e a proximidade são elementos indissociáveis”, uma vez que as demonstrações afetivas tem o prestígio de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem motivando e estimulando o aluno através da sua relação com o professor e o ambiente onde está inserido.

Na quinta e última pergunta foi indagado o seguinte: Em sua concepção, algumas situações afetivas podem dificultar ou bloquear a aprendizagem? Cite um exemplo. P.A assim responde:

O autoritarismo é uma das formas de bloquear a aprendizagem. O processo de ensino-aprendizagem não alcança seu desenvolvimento sem contato, sem trocas afetivas, sem convívio, criando barreiras afetivas.

Para P.B,

Separação dos pais dificulta na aprendizagem, o aluno sofre uma queda em seu desempenho escolar, desenvolve dificuldades para se relacionar com os colegas. Ele sofre de ansiedade, solidão e tristeza, passa a ter dificuldades em acompanhar os estudos, com isso, veem suas notas despencarem.

Vale frisar que tanto a psicóloga quanto a pedagoga testificam que a dificuldade no processo de aprendizagem ou até mesmo o bloqueio podem estar ligados a fatores relacionados à ausência de vínculos afetivos, já que é por meio de relações afetivas que o indivíduo é instigado a aprender a respeito de valores éticos e morais, aprende sobre si e o outro.

Sendo assim, é importante lembrar que a criança que se sente amada e segura é conduzida a uma aprendizagem eficaz e a ausência de afeto,

principalmente devido a situações ligadas à família como a separação dos pais, por exemplo, citado pela pedagoga, tende a dificultar o desenvolvimento e aprendizagem dessa criança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O prosseguimento do referido trabalho nos oportunizou compreender a relevância das relações afetivas como forma de propiciar melhor desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem de crianças e adolescentes em um espaço não escolar, uma casa de passagem, que presta serviços de acolhimento, mas também participa ativamente da aprendizagem desses sujeitos.

O contato direto com a instituição favoreceu o desenvolvimento da pesquisa e possibilitou o conhecimento de uma casa de passagem e seus seguimentos além das lentes de artigos científicos. A Casa de Passagem *Menina Flor* da Cidade de Paulo Afonso-BA abriu suas portas e contribuiu significativamente para a produção da pesquisa aqui referida. Ademais, foi possível trazer aqui discursos que norteiam as práticas educativas e os subsídios fundamentais para que esta ocorra.

Crianças e adolescentes com seus direitos violados são diariamente assistidas por órgãos judiciais e conduzidas a uma instituição de acolhimento que possa assegurá-las provisoriamente até que seu caso seja passado por um processo que irá decidir a sua permanência ou retorno a sua família de origem. Dependendo da seriedade do caso, a criança carece de atendimento especializado acompanhado por um psicólogo. A Casa de Passagem Menina Flor conta com uma psicóloga que assiste as crianças/adolescentes e suas famílias bem como também com uma pedagoga que acompanha as atividades escolares dando um suporte na aprendizagem dessas crianças/adolescentes.

A psicóloga e a pedagoga da Casa abriram as portas e contribuíram de modo significativo e trouxeram à margem aspectos necessários para o prosseguimento da pesquisa. Na conversa com a psicóloga foi possível entender e esclarecer diversas questões acerca dos procedimentos da Casa de Passagem, como as crianças são conduzidas até a Casa, qual a reação das crianças ao chegar, se há visitação ou não e se há como ocorre, quais os requisitos necessários para que a criança volte ao seu lar de origem, bem como outras questões relacionadas a aprendizagem das crianças hospedadas na Casa, as dificuldades apresentadas pelas crianças no contexto escolar, a necessidade de intervenção de uma pedagoga ou até mesmo de um trabalho psicológico nesses casos, dentre outros.

Assim como com a psicóloga, foi possível um momento com a pedagoga atuante na Casa onde ela compartilhou a sua rotina na Casa de Passagem *Menina Flor*, seu primeiro contato com as crianças da Casa e a sua relação com algumas delas, as dificuldades em alguns casos e o desenvolvimento do seu trabalho enquanto pedagoga nesta instituição.

Diante dessa pesquisa foi possível alcançar que as relações afetivas qualificam a aprendizagem, visto que o afeto, a alegria, o prazer naquilo que se faz despertam a curiosidade e criatividade do educando. Contudo, permite um novo olhar sobre a postura do educador enquanto ser humano ao lidar com situações diversas em sua rotina diária.

É preciso acreditar que o ato de educar abrange aspectos que atravessam a margem do transferir conhecimentos, que sem amorosidade a educação se torna neutra, que saber ser escuta é fundamental, que sem a alegria, respeito e humildade torna-se difícil alcançar o outro.

Contemplando as análises bibliográficas no tocante as contribuições das relações afetivas na aprendizagem e desenvolvimento humano, tornamo-nos cientes de que a afetividade é um dos fatores primordiais para fortalecer o processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Flávia Assis de. **O ato de educar em Paulo Freire**. Rio de Janeiro – RJ, 2007.

CARDOSO, Michelle Gertrudes. **Importância da afetividade na Educação Infantil**. Campina Grande – PB. Dezembro, 2015.

EMILIANO, Joyce Monteiro / TOMÁS, Débora Nogueira. **Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro – SP. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LEITE, S. A. S. **Afetividade nas práticas pedagógicas. Temas em psicologia**. Campinas, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** / José Carlos Libâneo. – 12. ed. – São Paulo, Cortez, 2010.

LUSTIG, Andréa Lemes et al. **CRIANÇA E INFÂNCIA: CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL**. (sdt)

MAGALHÃES, Luciele Terhorst. **A importância da afetividade na educação**. Medianeira, 2013.

ORZESHOWSKI, Suzete Terezinha. **A PEDAGOGIA E A EDUCAÇÃO NOS ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES NA UNICENTRO /PARANÁ: uma construção curricular a partir das políticas educacionais** / Rev. Espaço do Currículo (online), João Pessoa, 2017.

PEREIRA, Luana Argenta; CORDEIRO, Ana Paula Giroto. **Afetividade na Educação Infantil: a formação cognitiva e moral da criança**. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_1381755495.pdf

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SOUZA, Anna Flávia Lima et al. **Henri Wallon: sua teoria e a relação da mesma com a prática**. Revista Ícone. V.10. Agosto de 2012. ISSN 1982-7717.

SOUZA, M. T. C. C. **As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 2011.

TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento. **O pedagogo como agente de transformação social para além dos muros escolares** / Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares - Natal, RS, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

XAVIER, Charlene Corrêa. **Influência da Afetividade na Aprendizagem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. 2014. 36 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário aplicado

QUESTIONÁRIO

Nome (opcional): _____

Sexo: F () M () Idade: _____ anos

Formação: _____

Tempo de Serviço: _____

1. Para você, o que significa o termo afetividade?

2. Afetividade e ensino-aprendizagem. Você considera que há uma relação entre esses dois termos. De que forma?

3. É possível afirmar que um aluno se sente estimulado e compreende significativamente o que lhe é ensinado com um ambiente afetivo?

4. Como tornar o momento de ensino-aprendizagem dinâmico atendendo e ouvindo os alunos em suas necessidades e limitações?

5. Em sua concepção, algumas situações afetivas podem dificultar ou bloquear a aprendizagem? Cite um exemplo.

